

## O Porto por conhecer

*Luís Fernando Veríssimo*

---

**E**stive quatro vezes no Porto, mas não sei se posso dizer que conheço a cidade. O que é conhecer uma cidade? Estar nela nem sempre basta.

A primeira vez que estive no Porto foi com meu pai e minha mãe, em Fevereiro de 1959. O medo de avião da minha mãe tinha determinado que chegássemos a Lisboa de navio, e a sua indisposição para viagens de automóvel — precisava ir no banco da frente, ao lado do motorista, o editor Souza Pinto da "Livros do Brasil", para não enjoar nas curvas — determinou que eu fosse atrás, entre meu pai e o poeta Jorge de Sena, rumo ao norte. Felizmente, com 22 anos, eu era bem mais magro do que sou hoje. A palestra do meu pai no teatro São Carlos de Lisboa fora agitada e as que faria no percurso até ao Porto, principalmente em Coimbra, se transformariam em manifestações contra a ditadura de Salazar, embora a intenção não fosse essa. Meu pai apenas falava na importância da liberdade para a criação e da democracia para a vida.

Não lembro quanto tempo ficámos no Porto. Lembro de um jantar com escritores locais, com muitos discursos, e posso assegurar que nenhum dos brindes foi ao Salazar. Mas não lembro de muita coisa da cidade.

Voltei ao Porto com a minha mulher, anos depois. Numa daquelas viagens de turista voraz, que quer aproveitar o máximo possível no menor espaço de

tempo. Vínhamos da Galícia em automóvel de aluguel e entrámos pelo topo da cabeça de Portugal, se você concordar que Portugal é um rosto com o perfil do George C. Scott. Hospedámo-nos numa pousada perto da cidade, que explorámos com o vagar possível em viagens deste tipo — isto é, em poucas horas — antes de retomarmos a estrada. Continuei não conhecendo o Porto.

Por casualidade, no mesmo ano armou-se outra possibilidade de voltarmos ao Porto. Eu faço parte de uma confraria de comilões chamada "Companheiros da Boa Mesa", que há anos reúne-se uma vez por mês em algum restaurante do Rio. Sou um companheiro um pouco relapso, em grande parte porque não moro no Rio e raramente meus compromissos, lá, coincidem com uma reunião do grupo. Mas não quis perder a oportunidade que surgiu de viajarmos todos para Portugal, os confrades e quem quisessem levar, com vários descontos e regalias, com o único compromisso de comer bem. As regalias incluíam até algumas noites no Hotel Ritz de Lisboa com preços especiais, vantagem que nenhum viajante acostumado com orçamentos apertados pode desprezar. E lá fomos nós, Lúcia e eu, de volta a Portugal. O grupo era divertido, e depois de Lisboa saímos num autocarro para devorar o Norte. Mas não ficámos no Porto. Por alguma razão, nosso compromisso gastronómico na região era em Póvoa

do Varzim. Um estranho jantar com a sociedade local, ou um segmento algo surrealista da sociedade local, que incluía muitas senhoras com penteados esculturais e moços que seguravam o cigarro como um dardo, mas com a mão virada para cima, e que ficou marcado pelo escândalo de um membro da nossa turma ao elogiar Eça de Queiroz e ouvir de uma das senhoras laqueadas que achava os clássicos "uns maçantes". Grande comida, no entanto. No dia seguinte almoçaríamos numa das famosas produtoras de vinho na margem do Douro e depois visitaríamos a cidade. Começámos a provar vinhos do Porto na chegada, bebemos vinhos da região durante todo o almoço com entusiasmo, e depois da refeição, claro, não podia faltar mais vinho do

Porto. Resultado: tenho uma lembrança diluída — é a palavra exacta — da visita à cidade. A Praça da Liberdade estaria mesmo girando como um gigantesco carrossel ou aquilo foi sonho? Continuei não conhecendo o Porto.

Por sorte, o professor Saraiva me convidou para participar de um simpósio sobre literatura no Porto, há dois anos. Não sei se ele se arrependeu — minha participação foi meio lacónica — mas eu finalmente tive a oportunidade de caminhar pela cidade, entrar nas igrejas e na livraria Lello, e conhecer o suficiente para saber que não foi o suficiente. Continuo disposto a conhecer o Porto algum dia.

Talvez na quinta tentativa.